

Brasil Paratodos?

“A língua é minha pátria, e eu não tenho pátria, tenho mátria e quero frátria”.

Fernanda G. Moreira

O Brasil é um país de origem colonial e marcado por intenso movimento migratório interno e externo, resultando em grande miscigenação, mescla cultural e sincretismo religioso (Freyre, 1946; p. 86). Apesar das dimensões continentais, todos os brasileiros falam uma mesma língua, mesmo que com grande diversidade de sotaques e vocabulário. A musicalidade também permeia todo o território nacional e é motivo de reconhecimento externo.

Características associadas ao arquétipo matriarcal são fortemente sentidas em nossa cultura, mesmo mantendo uma estrutura social moderno-contemporânea de base patriarcal (Byington, 1998). A música, tida internacionalmente como um dos maiores patrimônios da cultura brasileira, é uma legítima representante do universo da grande mãe. Porém, traços matriarcais são associados à inferioridade, seguindo a valoração hierárquica do mundo patriarcal, onde, “ser adulto é ser patriarcal e abolir a dinâmica matriarcal que é considerada primitiva, subdesenvolvida”. (PENNA, 1995, p. 68). Baseando-se nesta valoração, os brasileiros têm dificuldades na constituição da identidade nacional, resultando em exagerada reverência a tudo que se relaciona ao “1º mundo desenvolvido”, supervalorização de produtos e profissionais estrangeiros em detrimento do que é nacional. Dentro do Brasil, os grandes centros assumem o papel do “grande pai – mundo desenvolvido” em relação ao interior, ao sertão – filhos “em desenvolvimento”. E, nos grandes centros, a mesma hierarquia se dá entre os bairros urbanizados e a favela, entre as regiões nobres e a periferia.

Talvez a reabilitação do menosprezado universo matriarcal possa ser o caminho para a construção de uma fratria, atingindo-se a alteridade. Segundo Byington, um exemplo marcante de emergência matriarcal no nível artístico, que desconcertou a rígida polarização patriarcal, foi o posicionamento artístico dos novos baianos cantando a liberdade da arte e da cultura durante a repressão política.

Na música *Língua* (1984), Caetano questiona as possibilidades de nossa língua, evocando prazerosamente toda a sensorialidade de “roçar a língua de Luís de Camões”, dos balbucios de “Nomes em ã / De coisas como rã e ímã / Ímã ímã ímã...” à sonoridade dos nomes “Arrigo Barnabé e Maria da Fé”. Passeia divertidamente por nossos diversos

sotaques e neologismos. Mostra sarcasticamente a desvalorização da produção nacional: “está provado que só é possível filosofar em alemão”, chegando a uma triste conclusão: “Nós canto-falamos como quem inveja negros / Que sofrem horrores no Gueto do Harlem”. Porém, mantém-se numa postura bélica, invocando-nos a sermos imperialistas e deixarmos os Portugais morrerem à míngua. Alterna-se entre o matriarcado deleitoso e, por vezes, antropofágico, que reduz o latim a pó, e o patriarcado platônico, apresentando amor e amizade em relação hierárquica, resvalando na impossibilidade da cooperação amigável: “Sejamos o lobo do lobo do homem”. Talvez ciente da necessidade de transcender esta tensão, Caetano faz referência a Luanda, capital de um país devastado pela guerra civil de 1975 a 2002, que também tem o Português como língua oficial, convocando Chico Buarque de Hollanda a nos resgatar desta disputa interna.

Em 1993 Chico nos apresenta Paratodos. Confessando sua origem e misturando-a com a origem de Tom Jobim, identifica-se com boa parte da população brasileira, desfazendo desde o início possíveis sentimentos de animosidade entre diferentes estados do país. Reverencia este como seu mestre na música brasileira, passando da genealogia biográfica para a genealogia musical, e ressalta a importância desta como esteio em sua jornada, para suportar “ver o inferno e maravilhas”. Prescreve os diversos ícones da música nacional como solução para os mais diversos problemas sociais e pessoais, da criminalidade ao suicídio, incluindo referência ao problema das drogas: “Fume Ari, cheire Vinícius / Beba Nelson Cavaquinho”, coadunando sofrimento geográfico, social e psíquico com a imagem da “solidão agreste”. A partir daí, passa a homenagear músicos brasileiros de todas as origens geográficas, épocas, idades e vertentes musicais. Repetindo sua genealogia misturada com a de Tom, conclui a formação da sua identidade brasileira. Esta harmonia fraterna foi acolhida calorosamente pelo público. Abrindo o show “As Cidades” (1999), brasileiros cantavam “Paratodos” com o entusiasmo de uma festa entre amigos.

Alguns meses depois de participar desta festa, em viagem à Itália, encontrei numa livraria um dicionário “Italiano – Brasileiro”, que guardo até hoje com carinho em minha estante. Fazendo do olhar alheio o espelho possível, redescobri a língua falada de norte a sul do Brasil como uma, podendo ter um nome próprio. “Minha língua é minha pátria”, e esta língua cantante pode ser a argamassa nesta fratria ainda em construção.

Bibliografia

BYINGTON, C. A. (1998). A Identidade Multicultural Latino Americana: uma introdução à Antropologia Simbólica. Disponível em (acesso 23/05/2012):

http://www.carlosbyington.com.br/downloads/artigos/pt/a_identidade_multicultural_latino_americana_antropologia_simbolica.pdf

FREYRE, G. (1933). Casa-grande & senzala. Rio de Janeiro, Maia & Schmidt.

HOLLANDA, C. B. (1993). Paratodos.

PENNA, E. (1995). Sobre o Terceiro Mundo: um símbolo de subdesenvolvimento. *Junguiana*, 13, p. 68-71.

VELOSO, C. (2984). Língua.